

## **REFLEXÕES AUTOBIOGRÁFICAS: MEU PERCURSO DE ESTUDANTE INDÍGENA NA GRADUAÇÃO DE ARTES VISUAIS E COMO AFETA MINHA PRÁTICA DOCENTE ENQUANTO PROFESSORA DE ARTES**

MIRNA PATRÍCIA MARINHO DA SILVA\*

### **RESUMO**

Este artigo é parte de minha pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (UFG) – parte na qual desenvolvo uma autobiografia sobre meu trajeto de construção como docente. Aqui discuto o meu percurso dentro da Licenciatura em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Compartilho minha experiência como a primeira estudante indígena a utilizar as cotas nessa faculdade. Discuto sobre os desafios do processo burocrático para conseguir o Registro Administrativo de Nascimento Indígena (RANI) e também sobre meu trajeto nas disciplinas, em especial no que me provocaram a refletir sobre minha identidade indígena. Por fim, concluo com uma reflexão sobre como os estudos autobiográficos têm contribuído para a minha formação docente.

**PALAVRAS-CHAVE:** autobiografia, estudante indígena, percurso acadêmico.

### **INTRODUÇÃO**

Desde criança, em todos os lugares em que vivi e nas escolas por onde passei, sempre fui chamada de índia. No entanto, mesmo reconhecendo em mim e em minha família tais características étnicas, não me recordo de um momento específico de conversa sobre esse assunto, exceto quando minha mãe me contou que nossos familiares, que vivem em Manaus, não gostavam de ser chamados de índios. Segundo minha mãe, quando isso acontecia, eles ficavam bravos, porque, para eles, soava como ofensa, era o mesmo de serem chamados de selvagens. A associação de características étnicas ao conceito de selvagem levou minha família a se calar sobre essas histórias e não assumir tal identidade, a ponto de deixar de utilizar o sobrenome indígena Anaquiri. Hoje poucos parentes usam esse sobrenome, entre eles uma tia que mora no Amazonas. Ela me disse que se sente desconfortável ao ser chamada de índia, ser considerada selvagem, do mato! Essa ofensa é tão forte para a minha família que a levou a adotar o sobrenome Marinho, ao invés do sobrenome indígena - Anaquiri.

---

\* Mestranda em Arte e Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (UFG). Bolsista CAPES.

Ao rememorar o relato de minha mãe, lembro-me do pesquisador Luciano (2011, p. 203), ao discutir a negação dos índios do Rio Negro em relação à sua condição indígena. Ele afirma que o índio “tem sangue indígena, parece indígena, mas não quer ser indígena”. Assim, entendo os muitos motivos dessa negação, inclusive porque a história da minha família Kambeba também foi marcada por massacre, preconceito e escravidão.

Neste artigo, trato do meu percurso como estudante indígena de licenciatura na Faculdade de Artes Visuais da UFG, ingressa pelo sistema de cotas. Em especial, pretendo destacar a busca por documentos que precisei para comprovar minha identidade indígena, bem como duas disciplinas que contribuíram de maneira particularmente importante para minhas reflexões autobiográficas e minha formação docente – as disciplinas *Fundamentos da arte na educação II*, conduzida pela professora Irene Tourinho, e *Estágio supervisionado IV*, conduzida pela professora Noeli Batista e Alice Martins. Por fim, teço aqui algumas reflexões sobre como os estudos autobiográficos têm contribuído para a minha formação docente.

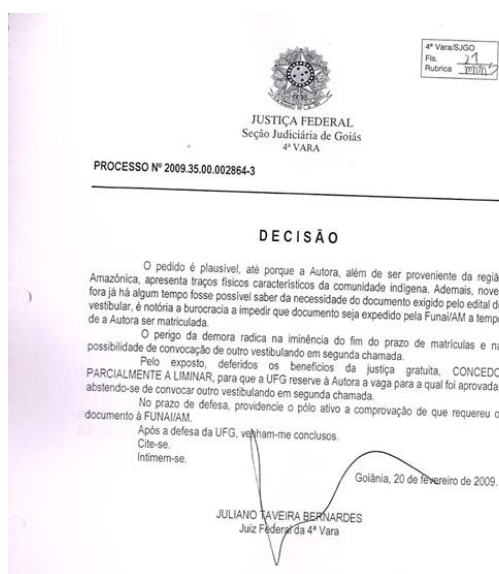
## PERCURSO COMO ESTUDANTE INDÍGENA

Após ser aprovada no vestibular para o curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV-UFG), em 2009, pelo sistema de cotas (sistema de ação afirmativa que garante vagas para estudantes indígenas e quilombolas em Universidades Federais), iniciei um percurso de busca por minhas histórias, pois era preciso uma documentação que comprovasse minha ascendência indígena para efetivar a matrícula. Não tinha ideia de como e por onde começar a buscar documentos e registros da minha própria história, tendo em vista que minha mãe veio morar na cidade de Goiânia quando eu ainda era muito pequena.

No correr da vida, cada vez mais foi surgindo o desejo de me conhecer, de saber das histórias não contadas da minha ascendência indígena, da família da qual me afastei há tanto tempo. Na busca por esses documentos, eu precisava conhecer minimamente a minha trajetória e, por esta razão, recorri à Defensoria Pública da União em Goiás. Para registrar a minha ascendência indígena, foi necessário responder um questionário chamado ‘Ficha de levantamento de dados étnicos’. Foram necessárias algumas ligações telefônicas para Manaus,

solicitando que minha avó materna fosse até a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), para responder esse questionário. Minha família ficou surpresa com meu interesse por histórias que, ainda hoje, muitos tentam esquecer. Era importante saber o motivo desse silêncio (que muito me incomoda), inclusive para me posicionar como pessoa, como estudante e, agora (de modo ainda mais importante), como professora.

Aprovada, tornei-me a primeira estudante autodeclarada indígena na FAV-UFG. O início da minha graduação foi autorizado pela liminar de um Juiz. Até que se provasse o contrário eu estava matriculada. Comecei a estudar depois que as aulas já haviam começado (cerca de um mês depois), pois a decisão judicial demorou a ser emitida.



**Figura 1:** Decisão da Justiça Federal

A faculdade era um lugar estranho, especialmente para mim como aluna que chegou mais de um mês atrasada. Comecei a refletir sobre o espaço universitário como um lugar de fronteiras, por não ter entrado na universidade pelo sistema universal, por estar em um lugar sobre o qual, até pouco tempo, não tinha familiaridade. Esse novo lugar parecia – e ainda parece – não me pertencer, mas nele estou presente, mesmo que à margem, como aluna cotista que, ao iniciar o curso de graduação, aguardava um documento para oficializar o meu direito de estar ali.

Ocupar esse espaço me fez, e ainda me faz, construir minhas próprias histórias a partir de desafios que a vida tem me proporcionado. Segundo Tourinho (2015, p. 232), as fronteiras têm suas peculiaridades porque “situar-se nas fronteiras, [pressupõe estar] nos entre lugares nos quais ensinar, pesquisar e fazer arte podem se integrar e se alimentar [...] questionando a cultura que nos rodeia”. Estar nesse espaço é uma forma de questionar a cultura que me cerca, tentando provocar fissuras, transformando-as em frestas para abrir espaços e construir lugares que outros estudantes indígenas também possam ocupar.

Fiz o curso com a duração de um pouco mais de quatro anos, devido à suspensão das aulas em decorrência de uma greve dos professores e servidores das universidades federais. Quando estava prestes a me formar, recebi uma carta da Defensoria Pública, estabelecendo um prazo para apresentar o Registro Administrativo de Nascimento Indígena (RANI). Eu ainda não tinha recebido o documento, mas não fui impedida de colar grau. Meses depois, quando já havia colado grau, recebi a informação que o RANI tinha chegado à Goiânia.

## **DISCIPLINAS QUE CONTRIBUÍRAM PARA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE NA LICENCIATURA**

Durante a licenciatura todas as disciplinas que cursei tiveram um papel relevante para minha construção docente (em processo), mas destaco, neste artigo, duas delas que contribuíram diretamente para tanto. Essa escolha se deve a que nessas duas disciplinas – a saber, *Fundamentos da arte na educação II*, conduzida pela professora Irene Tourinho, e *Estágio supervisionado IV*, conduzida pelas professoras Noeli Batista e Alice Martins – foram particularmente provocadoras para mim de reflexão sobre minha identidade indígena e docente.



**Figura 2:** Autobiografia

*Fundamentos da arte na educação II* foi uma das disciplinas do meu segundo semestre na universidade. Durante essa disciplina houve muitas atividades relacionadas ao eixo temático arte na educação. Uma das atividades propostas, que teve como título “Autobiografia”, foi a escolha de seis imagens que me motivaram a fazer o curso de licenciatura em artes visuais e que poderiam ser usadas em uma aula de artes (Figura 2). Eu tinha que propor uma forma de utilizar essas imagens em uma aula administrada por mim. Por exemplo, a partir da primeira imagem escolhida (Figura 1; também imagem superior à esquerda da Figura 2), há seis anos, eu falava da minha identidade indígena e sobre como desenvolver a prática docente a partir dessa identidade, como ponto de partida para dialogar acerca da cultura indígena dentro da escola.

Hoje percebo que essa atividade foi a semente para o meu atual projeto de pesquisa, no mestrado. O tema da minha identidade indígena em relação à minha formação docente ficou latente ao longo de toda a graduação e hoje é o tema da minha pesquisa.



**Figura 3:** Estágio supervisionado na escola indígena São José, em Sangradouro - MT

Durante a graduação todas as disciplinas de estágios foram muito importantes para conhecer o espaço escolar e relacionar os conteúdos com a prática dentro da escola. Mas aqui trago o estágio IV, do qual veio resultar o meu trabalho de conclusão de curso em 2013. Nele fui orientada pela professora Noeli Batista, que me acompanhou até a Escola Indígena São José, da aldeia Sangradouro – MT, do povo A'wẽ Uptabi, conhecido como Xavante. Havia sido convidada a participar do projeto de extensão Aldeia Digital, coordenado pelo professor Rafael Coelho, da Faculdade de Comunicação (UFG), e tal projeto me aproximou da comunidade de Sangradouro; especialmente das mulheres xavantes. Nessa comunidade, pude desenvolver meu TCC sobre a cestaria e, principalmente, refletir sobre como se ensina e como se aprende na cultura do povo A'wẽ.

A escrita do TCC foi desenvolvida em primeira pessoa, falando da minha relação com esse povo indígena. Minha proximidade com as mulheres aconteceu cedo. Logo estávamos indo para o mato buscar broto de buriti (Figura 4). Aprendi muito com o silêncio de cada mulher xavante, com falas nos olhos. A cestaria xavante se aprende no silêncio, no olhar, no cotidiano da vida xavante.



**Figura 4:** Preparo do broto de buriti para a cesta xavante

Durante essas vivências, aproximei-me de mim mesma, da minha identidade; e, sobretudo, refleti sobre a minha formação docente. Estava ali realizando um TCC com mulheres indígenas, mediando uma ação pedagógica dentro de uma escola indígena. Também refletindo sobre a disciplina de artes, o fazer da cestaria xavante dentro de um espaço institucionalizado de aprendizagem, e o fato de que a aula de arte há tempos tinha sido, por medida de redução de gastos, retirada do currículo da escola. Foi um momento de muita relevância nessa construção docente que está em processo.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS: REFLEXÃO SOBRE COMO OS ESTUDOS AUTOBIOGRÁFICOS TÊM CONTRIBUÍDO PARA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE**

Após ter sido aprovada para fazer o mestrado, estou me propondo a narrar e refletir sobre alguns momentos e aspectos do meu percurso pessoal e profissional. Ao assumir este posicionamento, reafirmo minha convicção de que tal reconstrução autobiográfica trata sobre contribuições significativas para a minha formação.

Inquieta-me quando, enquanto professora, chego à sala de aula e os alunos me perguntam se ainda existem índios, se índio mata, se na minha aldeia as crianças colocam a mão dentro de uma luva com formigas (ritual indígena do povo Sateré-mawé visto na TV), como se todos os índios fossem iguais. Essas perguntas levam-me a pensar sobre minha

formação docente, como os meus alunos me veem, como eu me apresento. Há uma espécie de senso comum que ainda percebe os indígenas como se fossem selvagens. Nesse sentido, sinto a necessidade de me conhecer e me posicionar em relação às minhas construções de subjetividade.

Segundo Delory-Momberger (2006, p. 136), “o campo do conhecimento da pesquisa biográfica é o dos processos de constituição individual (de individuação), de construção de si, de subjetivação, com conjunto das interações que esses processos envolvem com o outro e com o mundo social”. Nessa medida, minha constituição pessoal (como indivíduo) e profissional (como professora) estimulam-me a reconstruir, mesmo que parcialmente, aspectos da minha trajetória como estudante cotista na FAV-UFG.

Ao rememorar momentos dessa trajetória, vejo-me e sinto-me um indivíduo e uma profissional em permanente construção. Pensando nas minhas várias identidades que foram e estão sendo construídas, passo a compreender melhor a posição de Hall (2006, p. 13) ao afirmar que dentro de nós “há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”.

Esses deslocamentos, que, de acordo com Hall, sugerem conflito e tensão, apontam para expectativas e ansiedades que delineiam fragmentos da minha subjetividade. Empurrada em diferentes direções, como explica Hall, sinto o desejo e a necessidade de um diálogo com a minha família, de uma compreensão de momentos da minha história para me aproximar de mim mesma. Essa percepção ganha força e me impulsiona a rever, rememorar, reconstruir aspectos das narrativas que me trouxeram até aqui e me constituem como pessoa que quer continuar a aprender, a pesquisar e atuar de maneira competente como professora.





**Figura 5:** Registro da performance “Que memórias me atravessam?”

Na minha construção docente, trago minha performance intitulada “Que memórias me atravessam”, para uma poética autobiográfica, onde utilizo imagens do meu cotidiano projetadas em meu corpo enquanto realizo pinturas corporais indígenas, ao som de músicas indígenas (Figura 5). Nessa caminhada da minha construção docente, utilizo essa performance como fio condutor do trabalho de campo – em uma escola Municipal em Goiânia, com estudantes do ciclo I no Ensino Fundamental –, tendo como papel principal estimular e realizar diálogos com os estudantes.

Penso a performance como um caminho para o processo de ensino e aprendizagem de arte, porque ela:

reafirma outro papel para o professor/performer, como também para aquele que utiliza a arte performativa enquanto referência didática, sinalizando possibilidades de atendimento aos estudantes, espectadores e demais fruidores. (SANTANA, 2014, p. 55)

A partir da performance, poderei analisar os discursos dos alunos, a relação que se constrói entre eu e eles e o modo como isso afeta meu processo de construção identitária. A pesquisa biográfica não consiste apenas num trabalho solitário. Quero destacar a importância desses diálogos com os estudantes para compor minhas próprias narrativas. Acompanhando as ideias de Delory-Momberger (2016, p. 143), tomo consciência de que:

A pesquisa biográfica é em essência colaborativa, uma vez que implica ao mesmo tempo um trabalho do sujeito com o qual o pesquisador entra em relação, e um trabalho de pesquisador. Mas esse trabalho não é da mesma natureza para uns e outros. Simplificando: os sujeitos trabalham para dar sentido às suas experiências; os

pesquisadores trabalham para dar sentido ao trabalho que fazem os sujeitos ao darem sentido às suas experiências.

Tenho claro que o método que sustenta essa pesquisa são as experiências. Nessa direção desconhecida, em busca de encontros sensíveis e reflexíveis, Tourinho e Martins (2010, p. 75) afirmam que “Basicamente, nosso apelo é outro: é pela paixão, pela determinação, pela busca de encontros sensíveis e reflexivos entre nós mesmos, e pela busca de conexões e cruzamentos entre ensinar, pesquisar e imaginar um mundo melhor”.

Buscando dar sentido a essas inquietações que me acompanham, elaborei as perguntas que me norteiam na pesquisa: (1) De que modo minha identidade indígena vem afetando minha formação e prática enquanto estudante e professora de artes? (2) Como esse processo de reflexão sobre minha identidade indígena pode contribuir para minha atuação profissional? E (3) como as experiências de licencianda e docente em artes visuais contribuíram para esse processo no qual me construo indígena? Sigo com meus muitos questionamentos diretos ou indiretos na minha construção docente, com a tentativa respondê-las minimamente a partir de uma pesquisa autobiográfica.

## **REFERÊNCIAS**

- DELORY-MOMBERGER, C. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira (Auto)Biográfica**, v. 01, n.01, p. 133-147, 2016.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- LUCIANO, G. J. S. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola ideal e a escola real: Os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro**. 2011. 370 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- SANTANA, A. Corpo, arte, vida e educação: Contribuições da performance para as pedagogias culturais. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). **Pedagogias culturais**. Santa Maria: ED. da UFSM, 2014, p. 45-72.
- TOURINHO, I.; MARTINS, R. Desafios e desatinos na formação de professores pesquisadores: entre realidades, necessidades e imaginação. In: FREITAS, N. K.; OLIVEIRA, S. R. (Orgs.). **Proposições Interativas: Arte, Pesquisa e Ensino**. Florianópolis: Editora UDESC, 2010, p. 71-88.